

Balança impõe limites ao crescimento

por Fátima Laranjeira e André Vieira
de São Paulo

O ritmo dos negócios no Natal e o desempenho da balança comercial no primeiro semestre vão determinar quanto a economia pode crescer em 1997. Roberto Padovani, economista da Trend Consultores, de São Paulo, julga que o governo deve monitorar esses dois fatores antes de adotar medidas de contenção. Acredita que a economia, no primeiro trimestre, poderá enfrentar uma queda natural do nível de atividade, sem que haja necessidade de se impor restrições ao crédito. O freio virá pelo acúmulo de estoques no comércio e por um crescimento da inadimplência. Como Padovani, Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank, também espera uma desaceleração natural no início de 1997: "O mercado irá se adequar pela maior setividade dos bancos na concessão de crédito ou mesmo pela menor capacidade de compra dos consumidores". Ele acredita que qualquer "freio" à economia, por parte do governo, só deverá acontecer a partir do

segundo trimestre, por motivos políticos, após a aprovação da emenda da reeleição. Sua opinião é que o governo pode impor restrições ao crédito caso o crescimento da economia ultrapasse os 7%.

Como existe dificuldade para saber o que vai acontecer no ritmo das exportações de janeiro a março, Padovani afirma que o governo deverá esperar os primeiros resultados da balança comercial de abril – que já trazem expectativas de crescimento das vendas externas em razão do fim do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre os produtos primários e semi-elaborados – antes de adotar medidas restritivas. Caso seja necessário, a economia poderá passar por um desaquecimento no início do segundo semestre.

No presente, Abate diz haver indícios de que a economia está aquecida – como a ampliação da venda a crédito e o aumento dos investimentos produtivos. "É bem possível que o crescimento deste último trimestre fique em torno dos 7%, sobre o mesmo período de 1995, e que a economia

Setor de atividade	(PIB trimestral - taxa cumulada no ano, em %)				
	1995. III	1995. IV	1996. I	1996. II	1996. III
PIB	5,65	4,26	-2,27	-0,07	2,10
Agropecuária	4,66	5,07	0,09	-0,24	1,82
Indústria	4,92	2,07	-7,38	-3,27	0,62
Serviços	6,63	5,97	1,63	2,83	3,50

Fonte: IBGE/DPE/DECNA

entre em 1997 com desempenho vigoroso", completa. Ele afirma ainda que o próximo ano será marcado pela diminuição gradativa dos juros reais, pelo aumento da safra agrícola e dos investimentos, o que determinará ainda um ritmo forte de crescimento no primeiro semestre. No entanto, na comparação com o mesmo período de 1996, quando a economia apresentou um bom desempenho, a elevação será pequena: "O crescimento

da economia em 1997 ficará entre 3,5% e 4,5%, dependendo da desoneração das exportações e da diminuição do Custo Brasil", diz.

Já o economista Guilherme Abud, do ING Barings Bank, acredita estar havendo neste final de ano um freio natural na atividade econômica. Por parte dos grandes bancos, o motivo é a maior cautela na concessão de crédito, e, das pessoas, por causa dos aumentos salariais meno-

res. "Além disso, em 1997 teremos a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), que retirará um pouco a liquidez do mercado, diminuindo mais o crédito." Se o freio natural não for suficiente, diz, o governo poderá adotar medidas de contenção. Sem nenhum tipo de restrição, avalia, a economia cresce mais de 5% ao ano. "Mesmo com freio, a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) será

de cerca de 4%. Se parasse de crescer, o aumento já seria de 3%."

Os setores ligados à produção de bens duráveis, como eletroeletrônicos e automotivo, lazer, alimentação e bebidas são destacados pelo economista Odair Abate como os que manterão o ritmo de crescimento em 1997: "Bens de capital, têxtil e calçados são os segmentos que já vinham, e continuarão, apresentando problemas".

Na visão de Thomas Atkinson, analista de investimento do ING Barings Bank, os setores que deverão ter melhor desempenho em 1997 serão automotivo e de autopartes. "A produção das montadoras crescerá 7,2% no próximo ano e 15,5% em 1998, com investimento de US\$ 15 bilhões até o fim da década", diz. As autopartes também, segundo ele, apresentarão crescimento, tanto na produção para as montadoras como para reposição, já que a frota brasileira cresceu muito a partir de 1993 e, após três ou quatro anos, há necessidade de troca de peças: "Mesmo com a abertura, o setor será favorecido." ■